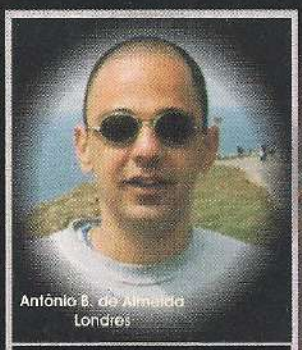
Ano 1 - nº 3 - Setembro de 2005 - R$2,98

botocuda

idéias - cultura - ecologia


Antônio B. de Almeida
Londres

Frederico Carvalho
Londres

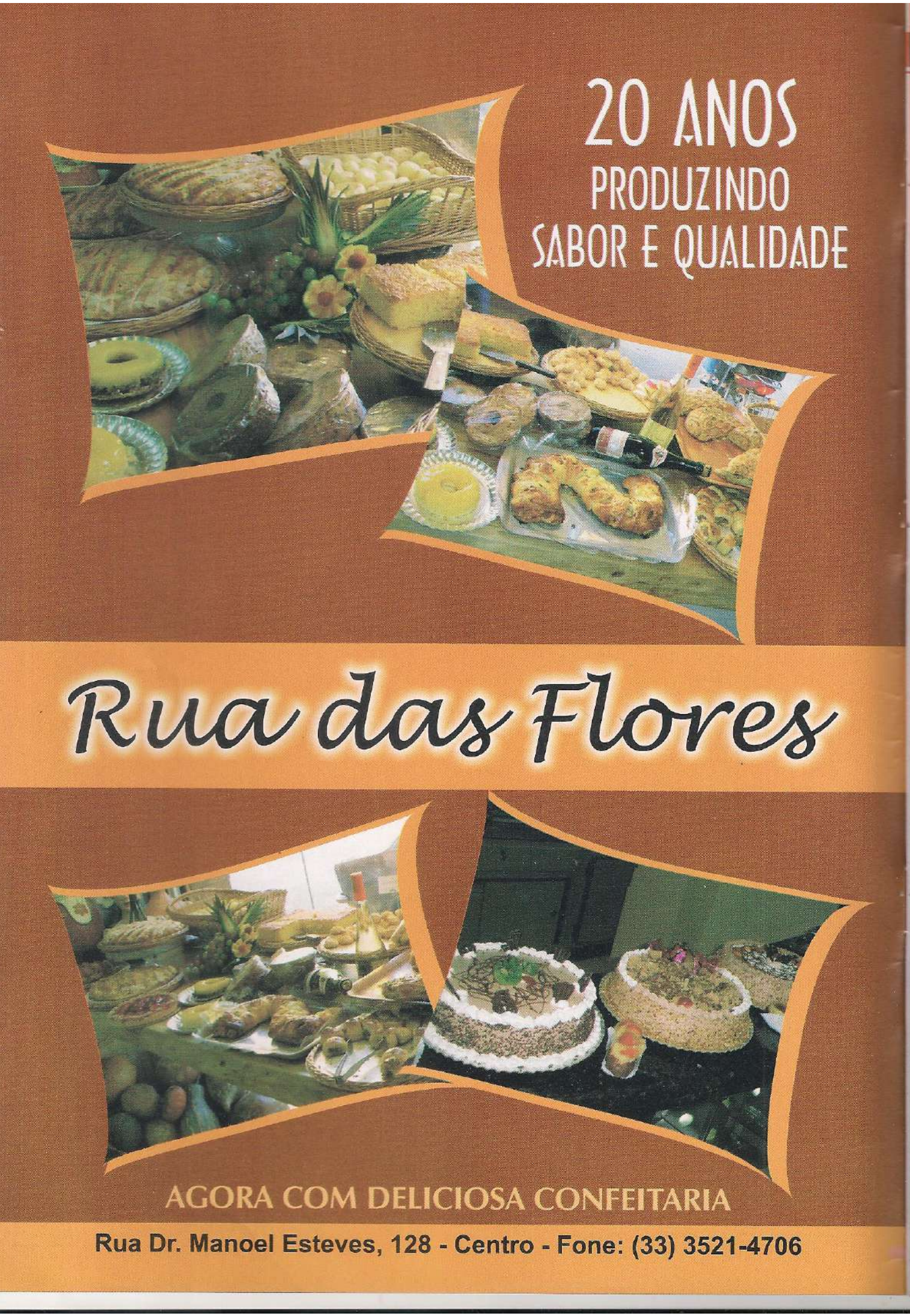
Heloísa Figueiredo
Boston

migrantes de T. Otoni e o terror

a história dos teofilotonenses que viram o terror de perto

COBERTURA COMPLETA DO CIRCUITO CDL SABOR DE BUTECO: SUCESSO DE PÚBLICO E CRÍTICA.

ronaldo sander fala sobre bares e casas noturnas de outros tempos, fernando martins de três décadas de rock brasil e o resto do time não quer seu nome na capa


20 ANOS
PRODUZINDO
SABOR E QUALIDADE
Rua das Flores
AGORA COM DELICIOSA CONFEITARIA
Rua Dr. Manoel Esteves, 128 - Centro - Fone: (33) 3521-4706

editorial

cartas

sabor de buteco

musicando ...ana maria mafra

páginas negras

musicando...fernando martins

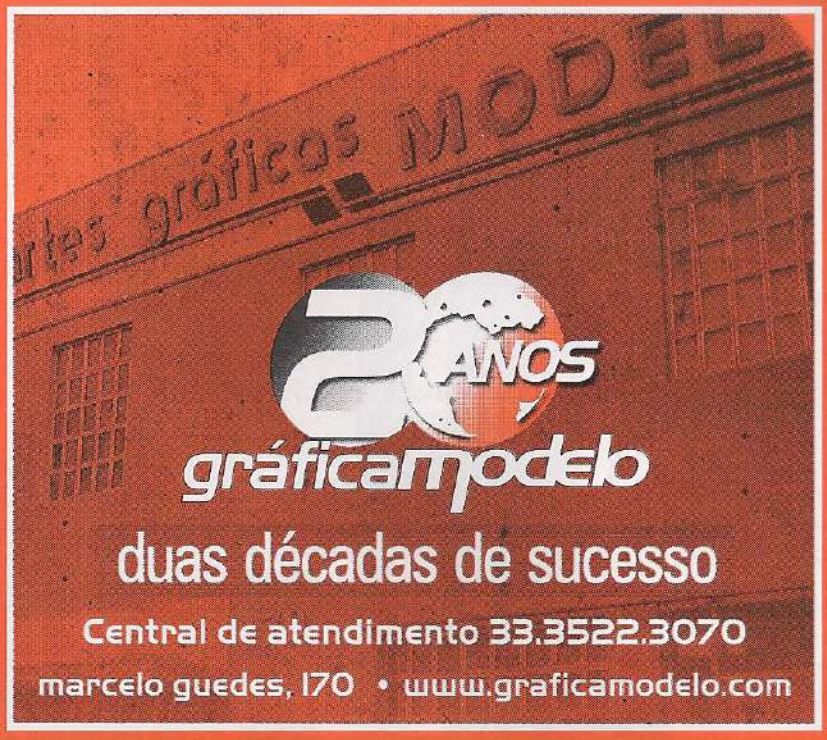
pílulas

pesquisa...ronaldo sander

última página

Capa: Vitor Crispim Júnior
Composição gráfica: Célio Denis

Botocuda é uma publicação bimestral, independente e sem fins lucrativos.
Edição: Sérgio Abdulah
Supervisão: Fernando Martins
Colaboradores: Ricardo Loufti, Ronaldo Sander, Igor Sorel, Jonny Ribeiro, Cássio Ribas e Márcio Atschim
Contato publicitário: Marta Kazuko
Rua Dr Manoel Esteves, 401 - Teófilo Otoni MG Fone: 3522-5930
A revista não se responsabiliza por conceitos emitidos pelos artigos assinados.



editorial

Núm3ro

Mais uma botocuda nas salas de espera de consultórios. A pressão é terrível. Os ínfimos leitores exigindo nova edição. Os contras mandigam pró aborto. Palpiteiros intrujos emprestam bizarras idéias e os senhores feudais da gramática apontam erros até nos espaços brancos. Pois é, que situação. Em Brasília, lama. Graças a Zeus, Frodeus. Quero ver qual é o bom , qual é a boa, quando as ilusões perdidas forem cremadas e restar apenas o mudinho a zombar de todos nas crendices pseudo-cidadãs de nossa madrugada política.

Academia do Bicho, o peixe pega. Os nobres conselheiros deste mal diagramado e já falido devezemquandário estão numa encruzilhada. Pior seria num beco sem saída. Na encruza são várias as trilhas disponíveis. Abrir espaço para mais gente? Cinema iraniano vale? Pedras preciosas daria uma brilhante matéria de capa? E o que dizer de nossos amigos globalizados mundo afora. Pode falar de política? Por que não uma história de bares de outros tempos? Muito pano para manga, inúmeras tentações e imensos os limites. Ora, bolas, limites, tentações. À luz de Santo Agostinho eliminemos o temor do arrependimento, que um dia no altar da sabedoria clamou: " Senhor, livrai-me das tentações, mas não hoje".

Assim posto, uma pauta ficou acordada. Uma idéia comungada por outros amigos que já se tornara recorrente. Vamos ajuntar um time de parceiros e fazer um festival de comida de buteco. Acordo fechado, parceiros achados. A ausência de alguns é sentida, mas não desanima. Outros festivais virão. Mesmo assim a Botocuda Produções Artísticas, Colesteróicas e Etílicas se desdobra, estrebucha e tem a honra de participar e produzir o Sabor de Buteco. Um evento sóbrio, porém descentralizado.

Saudações botocudas,
Sérgio Abdulah

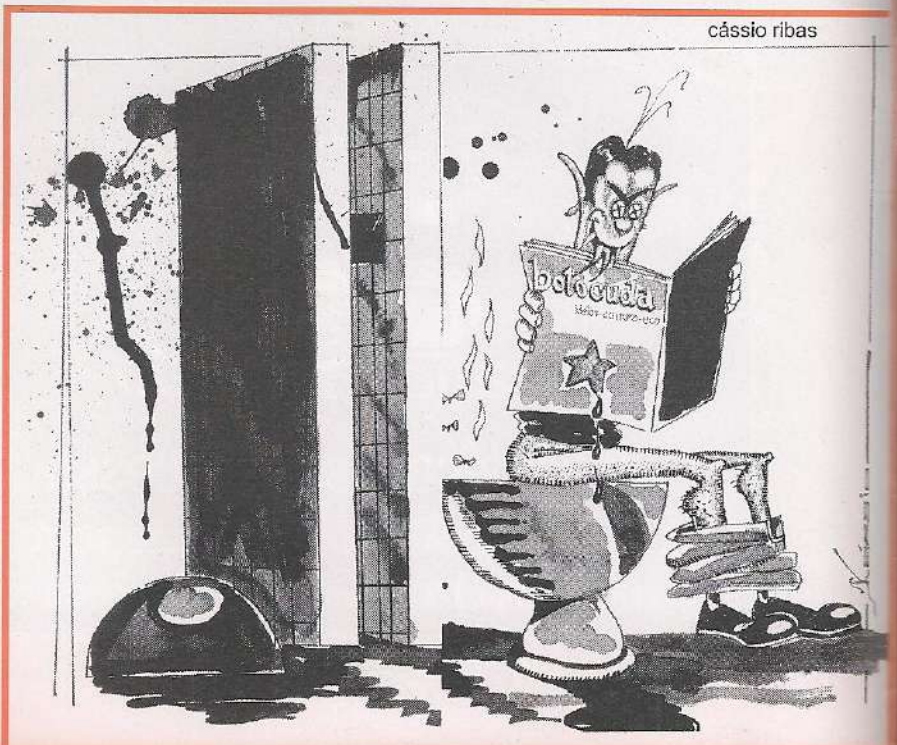
Entre o artigo do cabeça de bagre e o cabeça de jegue, eu prefiro o cabeça de ovo.
Cabeça Oca - lecapsilva@hotmail.com
Valeu pelo papo cabeça, Leca Cabeça Oca.

Finalmente, vida inteligente em nossa terra e que tem um canal de expressão denso criativo e irreverente, contraponto a imprensa que desinforma e emburece. Vida longa à Botocuda e que ela nos traga grandes alegrias.
Sandino Mendes Médico sandino@uai.com.br
Obrigado doutor. Vamos tentar uma publicação livre de triglicérides e ácido úrico.

Parabéns pelo excelente trabalho. Li as duas primeiras Botocudas, e achei excelente as entrevistas com o Padre Luciano e Cristiano Ottoni. Parabéns pela autenticidade de falar dessa péssima e abominável mania de perguntar "de que família você é"? Acho que Cláudia Shuffner, jornalista no Rio, não entendeu o objetivo da revista e porque Ricardo Louft está aí. Esperei ansiosa a segunda edição só para ler a coluna dele e aguardo a terceira pelo mesmo motivo.
Silvia - Estudante de Serviço Social
Pois é Silvinha, você não faz idéia do tanto que Ricardo Louft ficou eufórico ao descobrir que tem alguém lendo os textos dele. Mas você colocou apenas seu pré-nome, de qual família mesmo você e?
Não poderia de deixar de dar meus parabéns pela excelente iniciativa. Trata-se de peça única e pioneira, um novo tipo de formador de opinião que surge em Teófilo Otoni. Desejo ser leitor assíduo de Botocuda. Aguardo o próximo número.
Gustavo de Castro Estudante de Direito
Caríssimo, Ricardo obrigado pelo apoio, mas não seja apenas um assíduo leitor da Botocuda, seja também um assíduo comprador.

Li a entrevista com o Padre Luciano Lavall, na qual ele discorre brilhantemente sobre diversos assuntos e denuncia o descaso de como a cultura em Teófilo Otoni é encarada pelos órgãos competentes e a falta de envolvimento de seus habitantes que por não a conhecerem relegam-na a um segundo plano.No final , Padre Luciano pergunta pela Academia de Letras de Teófilo Otoni. Fala de como uma Academia serve para o engrandecimento cultural de um povo e da importância de ter um respaldo municipal, para eficiência da mesma.A Academia de Letras existe há mais de dois anos e é reconhecida como de utilidade pública. A nossa cidade é expressivamente cultural, apesar de existir uma linha tendenciosa em divulgar uma anticultura que entrava qualquer tentativa ou concretização de projetos mais arrojados. Temos que romper com o senso comum e enxergar a cultura não como produtora de eventos, mas como possibilidade de envolvimento e comprometimento dos que a fazem ou divulgam-na. O querer e o poder devem caminhar juntos e a efetiva realização de um projeto só será possível se a caminhada for fundamentada em seriedade e ousadia.
Elisa Augusta de Andrade Farina
Professora e Membro da Academia de Letras de Teófilo Otoni.
O propósito da Botocuda é justamente este professora.

Teatro de casa cheia!
Agora vai! E não me venham com "bolodórios"! A "peça teatral" vai voltar pra onde ela nunca saiu! Você entendeu? Nem eu! Pois é "a platéia" não entendeu nada, a "encenação" tinha sido tirada do "Teatro de Todos os Santos", nem chegou a acontecer em outro "palco" e já está de volta à sede. Agora, me fala o que mudou? Se é que mudou! Quem mudou ou queria mudar? "Ninguém" sabe, só se sabe que tudo isto não passou de uma palhaçada, olho grande, antítese e muita intriga. Resumo: quem fica com a face exposta para a bofetada é você.
Entra em cena aquela historinha de que brasileiro tem memória curta, e vão todos pular atrás da criação do Dodô e do Osmar, e lá em cima estarão os atores principais deste "teatro", acenando com a mão ao vento, dançando desajeitados entre fitas e lantejoulas, e falando que fizeram e aconteceram, "e que, se não fossem eles", nada estaria acontecendo. Verdade!!! Se não fossem eles, não teria acontecido, infelizmente, eles têm este poder. Só não tinham o poder de organizar outra "peça" igual, ou melhor que a já existente! Cogitou-se licitar a festa! Sim, correto! É lei, mas talvez o contemplado a organizá-la seria a "troup" de um amigo pobre, que em outra oportunidade, não acreditava que, "obra" de tamanha magnitude pudesse acontecer aqui, e nem punha fé que ficaria em cartaz tanto tempo. Tudo isto são verdades dos bastidores, que infelizmente os pagantes da platéia nunca sonharam em saber. O olho de "TANDERA", num dito atual, desta vez não deu certo. Bom pra nós, humildes espectadores do "Grande Espetáculo Teófolia".
Heitor Falabella heitorfc@uai.com.br
Estudante de Marketing
Falô Falabela



VENHA FAZER UMA FACULDADE MODERNA, COM ENSINO DE QUALIDADE E GARANTIR SUA VAGA NO MERCADO DE TRABALHO.

UNOPAR

2º Vestibular 2005

Inscrições: Outubro - Provas: Novembro

Cursos Superiores Autorizados Pelo MEC

Autorização: Portaria nº 3496/02 de 13/12/02 - CNE/CES nº301/03 homologado em 09/08/04

ADMINISTRAÇÃO DE PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

AULA PRESENCIAL 1 DIA NA SEMANA
DURAÇÃO: 2 ANOS E MEIO

excelente para quem é empreendedor

TECNOLOGIA EM GESTÃO DE MARKETING

AULA PRESENCIAL 1 DIA NA SEMANA
DURAÇÃO: 2 ANOS E MEIO

excelente para quem é empreendedor

GESTÃO ESTRATÉGICA DE VENDAS

AULA PRESENCIAL 1 DIA NA SEMANA
DURAÇÃO: 2 ANOS E MEIO

excelente para quem é empreendedor

TECNOLOGIA EM TURISMO

AULA PRESENCIAL 1 DIA NA SEMANA
DURAÇÃO: 2 ANOS E MEIO

NORMAL SUPERIOR

AULAS PRESENCIAIS: 2 DIAS NA SEMANA ou SÁBADO
DURAÇÃO: 3 ANO

LETRAS - BACHARELADO (novo)

AULAS PRESENCIAIS: 2 DIAS NA SEMANA
DURAÇÃO: 3 ANOS E MEIO

PEDAGOGIA (novo)

AULAS PRESENCIAIS: 2 DIAS NA SEMANA
DURAÇÃO: 3 ANOS E MEIO

A UNOPAR é moderna. É ótimo usar a tecnologia para o aprendizado.

Luzalva Oliveira
Normal Superior

A qualidade do ensino é excelente, é fácil a adaptação ao sistema e o curso é muito interessante.

LAUY MARTINS
Administração de Pequenas e Médias Empresas

Tudo com qualidade: o ensino, as aulas práticas, os professores e a atenção dos funcionários

SÉRGIO SEIXAS
Marketinkg

A UNOPAR é inovadora, preza a qualidade do ensino focando a aprendizagem com muita responsabilidade.

MARIA IVANA
Marketing

É moderna e versátil pois permite ao aluno que trabalha realizar seu sonho de fazer uma faculdade de qualidade.

KEZIL EBINGER
Marketing

O método é novo, com professores de alto nível e a aprendizagem é eficaz. Surpreendente!!

LUCIENY RAMOS
Administração de Pequenas e Médias Empresas

O curso tem me proporcionado resultados positivos, inclusive minha empresa, com a prática dos conhecimentos adquiridos.

KALID MAIKEL
Administração de Pequenas e Médias Empresas

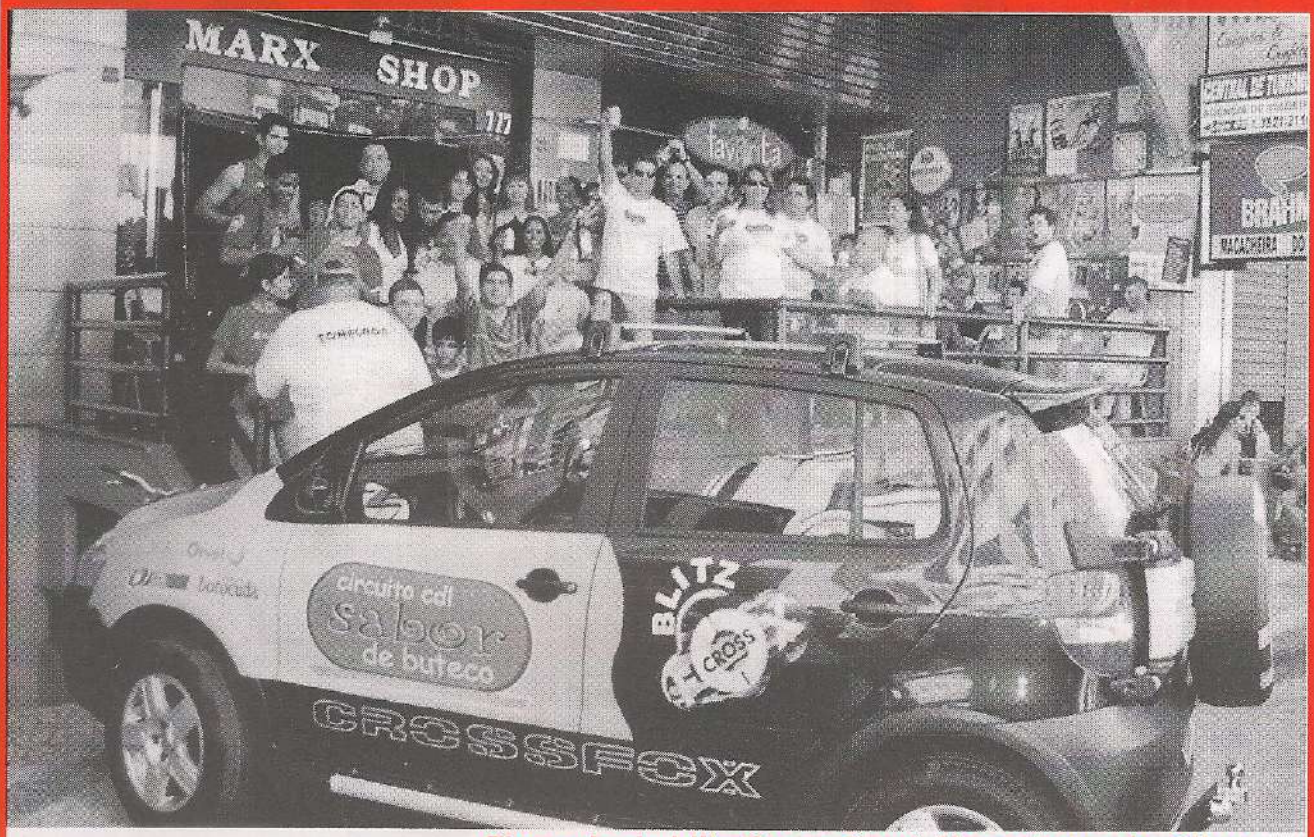
Usamos a tecnologia com liberdade e segurança para obter um aprendizado de ótimos resultados

VEREDIANE ALVES SANTOS
Normal Superior

www.unopar.br

Av Getúlio Vargas, 1133 - 2º andar - Fone: 3522-2556

Sabor de Buteco: sucesso de público e crítica



Chegada da blitz Cross Fox à Macacheira do Gilvan

Aconteceu na cidade o primeiro Circuito CDL Sabor de Buteco. Evento idealizado e realizado pela Botocuda, CDL e o Programa TV da Gente da Imigrantes. Ninguém inventou a roda, pois o projeto já faz parte do calendário de eventos de algumas cidades pólos de Minas Gerais e, em Teófilo Otoni, foi adaptado às condições locais do comércio de bares e restaurantes. O Sabor de Buteco tem como principal objetivo a busca da profissionalização na produção de bens e serviços, disponibilizados pelos empresários do setor, para o consumidor local e o turista. O Circuito visa, também, intensificar o relacionamento entre estes empresários e seus clientes numa competição saudável e festiva em que o público e uma comissão julgadora escolhem as casas que mais se destacam nos quesitos: tira-gosto mais gostoso, cerveja no ponto, atendimento, e condições de higiene.

Mão de obra qualificada é um problema grave que caracteriza o mercado local. Garçons despreparados, cozinheiras sem os devidos acessórios de higiene, banheiros sujos, pias com vazamento são constantes em bares e restaurantes da cidade. Detalhes que podem causar uma impressão ruim, tanto para o consumidor local, como para o que vem de fora.

Além de ser uma cidade pólo, Teófilo Otoni ocupa posição estratégica na Br 116, entroncamento com a BR 418. Isto faz da cidade uma receptora constante de um fluxo intenso do turismo de passagem. Este público deve ser atraído, urgentemente, ao comércio

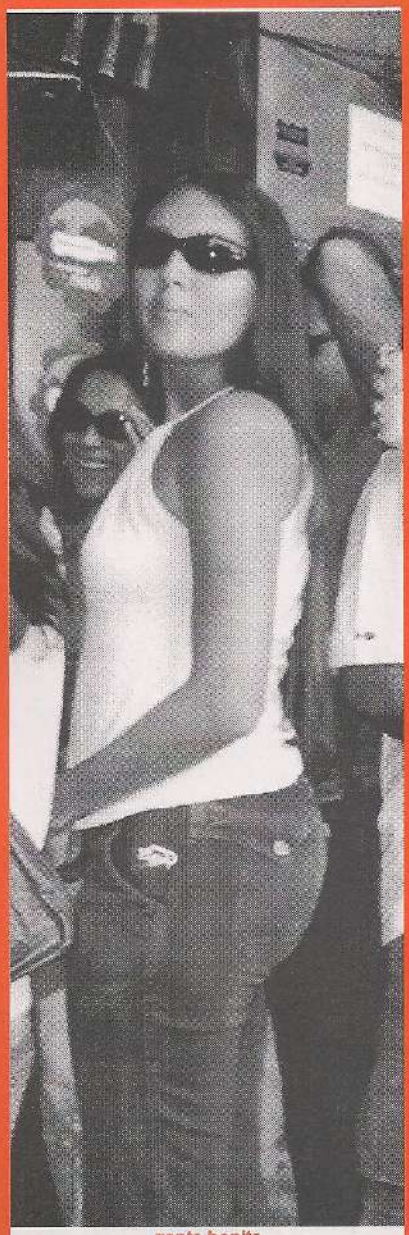
A turma que mais ralou: a comissão julgadora

local para descansar em nossos hotéis e pousadas, curtir nossas festas, consumir a comida nativa, o artesanato e as pedras preciosas. Mas para que isto ocorra, se faz necessário profissionalizar a oferta de produtos e serviços e implementar campanhas de marketing para venda dos mesmos.

O Sabor de Buteco vem comprovar que projetos elaborados com criatividade e profissionalismo atraem público e dinamizam o comércio. Quarenta e seis bares e restaurantes foram convidados para participar do evento. Doze acreditaram na idéia e já são vitoriosos só pelo fato de participarem. Desde a primeira blitz de avaliação, ficou constatado que o público havia assimilado a idéia e participou até o último dia Os proprietários não mediram esforços para receber a comissão julgadora, os produtores e o público. Estabelecimentos foram reformados, funcionários contratados e novos pratos

Wagner da Orvel, Namir e Glória do Grupo Emporium e Rose, produtora do Circuito

incorporados ao cardápio. A degustação free de cerveja Bohemia e tira-gostos deixaram o público em êxtase. Já no primeiro dia, o croquete de carne e de sol do Posto Tropical sinalizou que a parada seria jogo duro, que os participantes não entraram para brincar. Um petisco de dar água na boca. Mais tarde, na Macacheira do Gilvan o verdadeiro sabor da carne de sol. Cerveja gelada e carne de primeira. A terceira blitz foi no Fim de Tarde, o tempero da farofa do Amaury fechou a Feira de Pedras, os gringos perderam o juízo. No dia seguinte, Gilson deu um show na Bela Vista, carne macia de derreter na boca e atendimento vip. Posteriormente, na Pizzaria Fashion, um arroz maluco com carne de sol encantou. No segundo Sábado a volta da blitz dupla. Na Cia do Caneco, um legítimo filé com fritas regado no catupiry fez os degustadores chuparem os dedos. Já no Bar do Chico, a muvuca lembrou aquele temperinho da mãe, um mexidinho simples e tão gostoso que fechou o quarteirão. Na blitz do dia trinta e um, na Oficina da Pizza, surpresa total, traíra sem espinhos, sem ranço e com um molhinho de pimentão que fez muita gente jurar que não comeria carne mais nunca. Dia primeiro foi no Raynices, o mais antigo em peixes e frutos do mar em Teófilo Otoni. Isca de peixe assessorada por camarões. Acompanhamento perfeito para uma Bohemia. Só faltou o litoral ali em frente. Última sexta-feira, Rua das Flores, inovação, criatividade e muito sabor. O tira gosto árabe-mineiro foi de tirar o fôlego e vai viciar muita gente. Dia três, último dia, dois butecos genuínos: Bar do Rona e Barril, um, tira gosto de feijoada, outro arroz carreteiro, a cara da nossa cozinha, comida simples em que o encantamento vem da arte de


gente bonita

temperar; gosto de comida da casa da gente. Fechamento com chave de ouro. O mercado municipal nem parecia o mercado dos bebuns, deserdados da sorte, e do caminhão de ossos. Aquela área tem oferta turística, basta explorar.

Em posição difícil ficaram os jurados, pois em cada prato as casas se superaram. Tudo

REALIZAÇÃO
CDL TEÓFILO OTONI
BOHEMIA
BARRETO NOMAN Distribuidora de Bebidas
PATROCÍNIO
Orvel Amigos para Sempre!
GRUPO & EMPORIUM
APOIO INSTITUCIONAL
TEÓFILO OTONI VALORIZANDO A VIDA
revista botocuda
APOIO CULTURAL
VIDA DA GENTE
SESC MINAS GERAIS

servido de forma correta, pratos bem elaborados, muita cortesia e ambiente agradável. Graças a Deus aquela praga de carros com porta-malas aberto e som no último volume não deu o ar da (des)graça. A torcida é que assim seja para sempre. Um ou outro contratempo ocorreu. Lógico, esta é a primeira experiência. Mas, no contexto geral, o Circuito contou com intensa participação e aceitação do público. O que resultou em satisfação para os empresários participantes e a equipe de produção.

Na Saideira, a festa de premiação que aconteceu dia seis de setembro no Centro Cultural do Sesc, houve show com César Porto, o conjunto Samba, chorinho, coisa e tal, e a presença de William Asphaan contando causos. Festa bacana e civilizada, os jardins do Casarão do Sesc encantaram pelo paisagismo, a presença dos bares participantes do Circuito com seus tira-gostos e cerveja gelada além dos shows. O ponto alto foi o momento da premiação. Emoção dos concorrentes, da comissão julgadora e da produção. Todos vitoriosos, pois o evento transcorreu de forma perfeita, da primeira blitz à festa de encerramento. Expectativa total para ao anúncio dos nomes dos vencedores.

Turista orientais na festa de encerramento

Mercado Municipal: potencial turístico

Melhor tira gosto: muvuca do Chico's Bar; cerveja no ponto: Macacheira do Gilvan; melhor atendimento: Restaurante Pinguin. Chico contava até com torcida organizada. Isto é o que podemos chamar de consumidor fiel. Na pesquisa popular o muvuca obteve 100% de aprovação.

Os produtores do evento, a Botocuda entre eles, farão pequenas modificações no próximo ano visando aprimorar o Circuito e ampliar a participação dos bares e do público. Se for para melhor merecem, um brinde.

Chico recebendo o Garfo de Cristal

O time da Orvel na Saideira

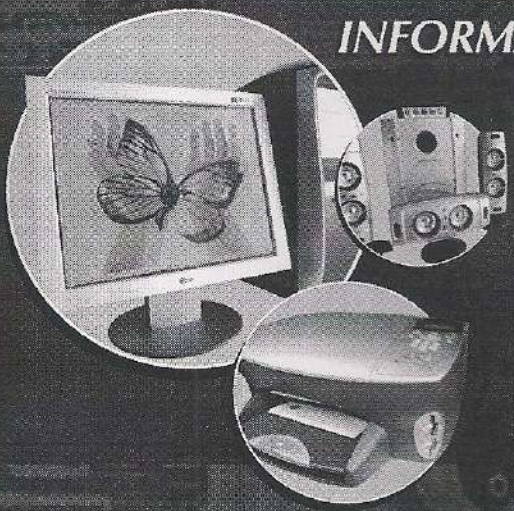
Soluções
com
qualidade

PHAL

INFORMÁTICA E PAPELARIA

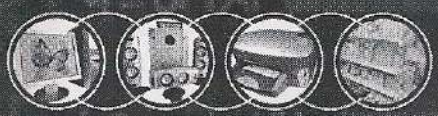
PAPELARIA

INFORMÁTICA



EQUIPAMENTOS

ADQUIRA AQUI
SEU VELOX



O mundo globalizado da tecnologia, robótica e internet tem como antítese o fenômeno do desemprego. A migração é um dos reflexos que mais suscita discussões, estudos e apreensão por parte das autoridades e das famílias dos emigrantes. Por falta de oportunidades na terra nativa, jovens deixam suas famílias e enfrentam a epopéia da migração de forma clandestina pagando milhares de dólares para conseguir realizar o sonho de trabalhar no primeiro mundo. Alguns conseguiram realizar o sonho, outros passaram por situações constrangedoras, foram presos ou deportados de volta para casa. Há um medo constante de serem pegos pelo serviço de emigração e ver o sonho se transformar em pesadelo. Neste cenário de apreensão constante surge uma novidade que vem trazer mais medo nos países onde existem uma grande concentração de brasileiros, EUA e Inglaterra principalmente: o terror. Experiência nunca vivida pelos brasileiros, apesar dos altos índices de violência registrados no Brasil nos últimos anos. Quatro emigrantes de Teófilo Otoni relatam suas experiências para os leitores da botocuda.

Atravessando o Mar Vermelho

Londres, 7 de julho de 2005. Eu me achava no ônibus, a poucos metros da estação de metrô de Aldgate,

Frederico Carvalho

quando, de repente, surgiu à frente um engarrafamento. Senti, pelo transito caótico, que alguma coisa anormal havia acontecido. Em poucos minutos, um frenesi de policiais e de civis, e a área foi isolada com faixas amarelas. Sirenes passaram a ser ouvidas. A poucos metros tomei outro ônibus e cheguei ao flat onde moro, que dista cinco minutos dessa estação. Liguei o aparelho de tv e as noticias começaram a chegar um tanto confusas. Algum tempo depois, a origem da estranha seqüência de explosões foi confirmada pelos âncoras dos jornais - tratava-se de um ataque terrorista. Estive, pois, a cerca de cinco minutos de ouvir a primeira explosão. De casa, telefonei para meus pais, para tranqüilizá-los, e eles me pediram para ter cuidado. Eu lhes disse que era um pedido impossível de ser atendido, porque simplesmente não há como prever quando e como ocorrera um ataque desse tipo, da mesma forma que não há como saber quem está aparelhado para tal ato. Refleti sobre a ineficácia da lógica humana do ter cuidado.

O teto do ônibus em que eu estava não foi pelos ares; não vi braços, metades de troncos, pernas, estômagos expostos, sangue ou cadáveres espalhados pela calçada, como alguns, em Tavistock Square, tampouco fui envolvido pela densa fumaça do metrô quando as explosões ocorreram, mas no dia seguinte, ao adentrar esses veículos, a sensação era a de que o ar permanecia carregado. Era-me impossível estar no interior desses sem pensar na atmosfera funesta provocada pelos suicidas e seu ódio santo. Era-me impossível deixar de imaginar que poderiam estar preparados para deflagrar uma nova seqüência de horror.

Preocupados, alguns amigos meus começaram a teorizar sobre qual seria o melhor banco para se assentar num ônibus. Eu lhes disse que essa cautela era inócua, pela mesma impossibilidade de se prever em quem ou onde poderia estar instalada uma bomba, se na sacola de supermercado da velhinha que se assenta na

parte da frente, ou no adolescente, que a tem amarrada em sua cintura, no centro, ou se na bolsa de viagem que o 'turista' que se acha assentado no último banco carrega. A lógica do terrorismo é simplesmente não ter lógica nenhuma.

Os ataques transformaram-se no bife sangrento de todos os dias, na mídia. Quando tudo parecia voltar ao normal, um brasileiro foi morto brutalmente, na estação de metrô de Stockwell. Os tiros que atingiram a cabeça daquele rapaz feriram os corações de milhares de brasileiros que moram na Inglaterra. Alguns fizeram as malas e retornaram para casa. Dias após o episódio, sentimo-nos como alvos móveis, tal qual patos de metal enfileirados num trilho de um setor de tiro ao alvo; como se a cada passo numa calçada, estivéssemos sendo seguidos, sob a mira de um policial invisível.

Entretanto, durante todos esses dramáticos e insólitos acontecimentos, guardei a fé no Senhor da História, e meu coração foi afagado pelo bálsamo de um refrão bíblico - 'Não temerás espanto noturno, nem seta que voe de dia, nem peste que ande na escuridão, nem mortandade que assole ao meio dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil, a tua direita, mas tu não serás atingido. '■

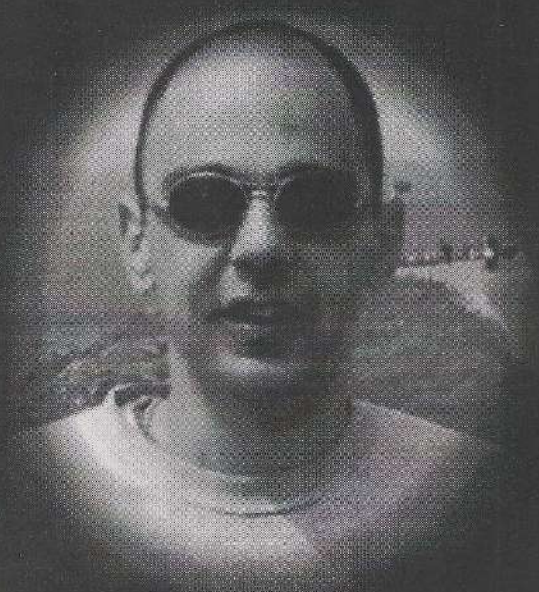
Parece que o Brasil todo resolveu emigrar

Cheguei aqui nos EUA em 2001 e minha chegada foi muito diferente da maioria dos brasileiros. Já cheguei com casa pronta e as pessoas me indicaram para trabalho. Minha experiência na Inglaterra, cinco anos, me ajudou bastante. O fato de falar a língua e saber adaptar a uma cultura diferente torna tudo mais fácil. No campo profissional não tenho nada a reclamar, muito pelo contrário. Só trabalho com americanos, que admiram minha vontade de aprender e a dedicação ao trabalho. Estou numa empresa muito grande que presta serviços no setor de documentos e digitalização de records de terceiro. Já recebi cinquenta por cento de aumento desde que comecei há quatro anos. Acabei de legalizar minha situação na imigração. Desde que cheguei aqui acho que estou sempre no lugar certo na hora certa. Estou tendo muita sorte. Sei que a maioria dos brasileiros que estão aqui tem casos muito diferentes para contar. O onze de setembro mudou a vida do país. Estava aqui havia uma semana apenas. Trabalho próximo ao aeroporto de Boston, onde vejo sempre os aviões decolando. Daqui saiu um dos seqüestrados. Foi um choque. Acho que todos os habitantes foram de alguma forma afetados pelos atentados.A imigração tornou-se mais controlada. Muitos empregadores que não exigiam papeis aos estrangeiros começaram a faze-lo. O americano começou a ficar mais desconfiado com os imigrantes. Conheço muitos brasileiros que entraram pelo México. Cada um teve uma experiência diferente. Alguns conseguem passa sem muito sofrimento, mas outros têm que caminhar, nadar, passar fome e serem presos. Pagam aproximadamente dez mil dólares. Já entram devendo este dinheiro. Parece que o Brasil inteiro decidiu migrar!■

Heloisa Figueredo

Todo dia eu passava naquela estação

Estava de folga no dia dos atentados.Moro e trabalho em Londres numa rede de pizzaria. Dormi um pouco mais, pois no dia anterior fiz hora extra até mais tarde. Acordei com o bip do telefone. Era um amigo meu que mora em Portugal. O cara estava todo assustado e ansioso e me perguntou sobre os atentados terroristas. Falei que não sabia de nada, ele então falou para eu ligar a televisão. Não acreditei no que vi. Fogo, fumaça, policiais e bombeiros correndo para todos os lados e muita gente morta e machucada. Mais alguns instantes e percebi que o atentado ocorrera na estação de Liverpool. Local onde passo todo dia pois a loja em que trabalho fica exatamente em frente à estação. Pensei que poderia estar fazendo parte daquela tragédia. Ufa, escapei graças a Deus. Que saudade bateu de casa, da família e dos amigos. A partir daí a polícia não deu folga. Vieram mais de dois mil e quinhentos policiais de outras cidades da Inglaterra. Depois o clima pesou mais ainda com a morte do mineiro. A brasileirada ilegal entrou em paranóia. Quando descobriram que o brasileiro foi executado covardemente pela polícia, muita gente ficou revoltada, a mídia não deu descanso para o chefe de polícia de Londres. Ele corre o risco de cair. Político aqui não pode mentir, senão dança. ■



Antonio Bernado de Almeida - Pizzaiolo

Ficamos seis dias escondidos na fronteira

W. S. Brand

Nasci e cresci no distrito de Valão. Estudei até a oitava série em escola pública. Tentei duas vezes entrar nos EUA por Nova York, deu tudo errado. Na segunda vez me deportaram no mesmo dia. Não desisti, resolvi entrar pelo México, paguei quase oito mil dólares. Meus pais entraram em pânico quando falei que ia tentar de novo. Fiquei na fronteira numa tapera durante seis dias com mais cinco mexicanos e um brasileiro. O calor parece que iria nos matar de desidratação. O guia até que era bacana, não deixava faltar água e lanche. Mas não podíamos sair da cabana de jeito nenhum. O que nos deixava quase louco era a falta do que fazer, o tempo parece que não passava. Só podíamos ir ao banheiro a noite, do lado de fora.

Um mexicano desesperou e não quis esperar o outro guia que nos levaria pelo deserto e resolveu ir sozinho a noite. No outro dia nosso guia chegou, gastamos mais dois dias em pleno deserto e chegamos ao Texas. Uma das mulheres desmaiou quatro vezes por causa do sol. Meu rosto queimou e as bochechas ficaram em carne viva. Chegamos a uma pequena cidade chamada San Izidoro e todos sumiram, O emprego que o mexicano combinou comigo era o pior possível. Trabalhar num curtume a uma temperatura de quase quarenta graus ganhando duzentos dólares por semana. A metade da grana é dos mexicanos e com o resto vou me virando. Nestas condições vou ter que trabalhar dois anos para pagar os caras. Se furar com eles é morte na certa. Um dominicano foi morto há uma semana porque recebeu o salário e não pagou a parte do mexicano. O terror eu ainda não vi. Pra mim basta a chegada aqui, um verdadeiro terror. ■

Pink Floyd
The Piper At The Gates Of Dawn 1967
More 1969
Ummagumma 1969
Atom Heart Mother 1970
Meddle 1971
The Dark Side Of De Moon 1973
Wish You Were Here 1975

Bryan Ferry
Boys And Girls 1985
Béte Notre 1987

Leornard Cohen
Song Of 1968
Songs From A Troom 1969
Songs Of Love And Hate 1971
New Skin For The Old Ceremony 1974

Prince
Sign O' The Times 1987
Graffite Bridge 1990

Tim Buckley
Happy Sad 1968
Lorca 1970

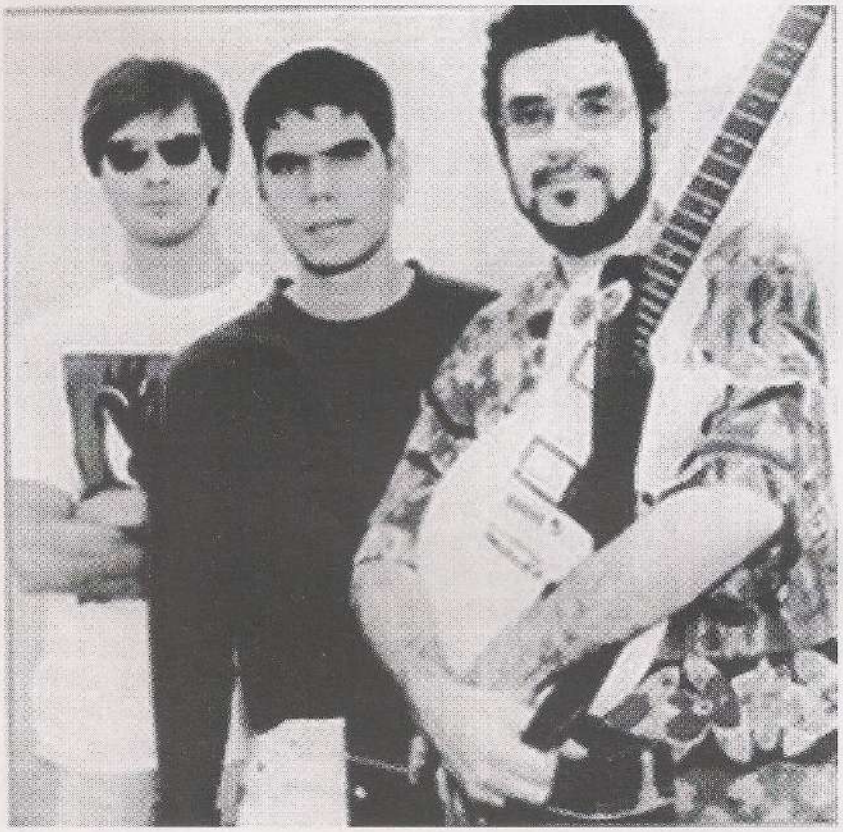
Kinks
Face To Face 1966
Something Else By 1967
Village Green 1968
r.s.

Novidades de dar água na boca no Circuito Sabor de Buteco: Croquete de Carne de Sol do Posto Tropical e Arroz Carreteiro do Barril. s.a.

A metralhadora verbal de Roberto Marcos já e conhecida de longa data. Atira para todos os lados em nome da modernização dos costumes políticos, sociais e culturais de T. Otoni. Em seu livro mais recente, Verdades Intoleráveis, Roberto acerta dois tirambaços no meio literário botocudo. O primeiro é a edição do livro. Tarefa de Hércules aqui na tribo onde incentivo e apoio a esta modalidade artística é inexistente. Cochicharam aos meus ouvidos que a Dinauto é o mecenas do trabalho. Parabéns à empresa. O outro tirambaço é a literatura cometida por Roberto. O cabra cria uma trama de conflitos intensos, personagens viscerais e nada óbvios. A riqueza de vocabulário do autor é usada de forma sincera e iluminadora da trama. A fraseologia coloca o narrador como centro do espetáculo. Parece que o autor está ali, contando a estória. Como os grandes mestres do cinema de anos atrás. Algo de Alfred Hitchcock, Roman Polansky, Martin Scorcese. Um tom pessoal, visivelmente colado à narrativa literária. Ao mesmo tempo virulento, poético e sarcástico, Verdades Intoleráveis é um mergulho alucinado de Roberto na vida de quatro personagens intoleráveis, no qual o principal é a inventividade do próprio autor. Valeu botocudo. Esqueça política, rádio e jornal e vai fazer literatura.
s.a.

"NÃO sabia, ao certo, como o homem rústico e truculento com que sua mãe se casara, pudera ter participado daquela tragédia. Um bloqueio impedia-a de se lembrar do pai obrigando a pequena irmã em todos os momentos em que estivessem a sós, com torturas físicas e psíquicas, a produzir-lhe prazeres proibidos. Mas supunha haver, apesar das sombras que a deixavam no escuro, e das nuvens negras que viravam laje, acima dela uma verdade intolerável a ser conhecida. A sevícia prolongou-se por tanto tempo, e destampou e esgaravatou-se tantas feridas profundas e sangrou e sangrou tão abundantemente, que coube à Maríssima o caminho da morte, possibilidade última, para se libertar do pai psicopata, que se impunha, mais e mais."
Trecho de Verdades Intoleráveis 360 pp Editora Exclusiva

Vinte anos do Rock Brasil



A princípio relutei em escrever sobre esse tema, afinal Renato já dizia: "temos nosso próprio tempo"... No entanto achei que seria uma maneira de promover uma singela homenagem ao movimento mais denso no cenário do rock nacional.

Podemos comparar a proclamada Geração Coca-Cola a movimentos nacionais como, a Jovem Guarda e a Tropicália. Mas é evidente que a história do rock nacional não começa na década de 80. Sabemos que já em meados dos anos 50, pelas vozes de cantores populares como Nora Ney e Cauby Peixoto, o rock and roll tomava conta dos meios de comunicação produzindo ídolos como Sérgio Murillo, Tony e Celly Campello. Contudo, nos anos 80 pudemos identificar um movimento que ia muito além dos limites do eixo Rio - São Paulo. Um furacão varreu o país, com seu olho na capital federal e tentáculos que alcançaram os mais distantes vales e grotões.

O ano de 1985 foi o marco dessa época, com o antológico Rock in Rio. Mesmo sendo uma salada de estilos o certo é que o Rock in Rio turbinou o rock Brasil ao fazer coexistir as jovens bandas nacionais com os medalhões de fama mundial, dando uma indicação de que aquela onda iniciada com a Blitz ("Você não soube me amar"), fecundada em Brasília, com sua corrente punk rock, explodiria por todo país.

Do Rio de Janeiro surgiram nomes como o Barão Vermelho, Lobão, Kid Abelha, Blitz, Lulu Santos e outros. De São Paulo veio o Ira, Titãs, Ultraje a Rigor, Fellini, Zero, Ratos de Porão, Inocentes dentre muitos outros. Do sul vieram Os Engenheiros do Hawaii e os Replicantes. Até a Bahia com o Camisa de Vênus, ajudou a engrossar o furacão. A febre de novas bandas atingia todo o país. Por isto não podemos afirmar que Brasília foi o berço do Rock Brasil. Podemos sim qualificá-la como expoente genuíno: a verdadeira geração Coca-Cola.

A explicação para essa afirmativa fica explícita na gênese do rock no planalto. Brasília era uma cidade diferente, não só pelo seu formato de avião, suas ruas sem esquinas, seus caminhos que pareciam sempre nos levar a lugar nenhum, mas também no estilo de seus jovens. A gestação da sua juventude foi confusa. A idéia de se criar uma cidade do nada, colocar nela um monte de gente de todos os lugares para morar, deixou o lugar sem identidade. Uma juventude que se aglomerava em pequenas gangues nos blocos de apartamentos bem delimitados, formando bunkers, cada um procurando seu rumo. Politicamente o povo saía do regime militar, aguçando o sentido de liberdade. No entanto, por muito tempo Brasília manteve o ranço da ditadura e isso contribuiu para criar um clima de contestação, e os jovens logicamente assimilaram esse momento com mais intensidade. Para extravasar essa tensão nada melhor do que a trilogia sexo, drogas e rock'n roll. Estava criado o ambiente.

A boemia de Brasília era concentrada em locais onde as diversas gangs se reuniam. Podia se ver lado a lado um mauricinho que morava no Lago Sul e um Punk da Asa Norte. Essas aglomerações sempre acabavam em briga. Mas aos poucos essa miscigenação de galeras descobriu que melhor que escutar música era fazer música. Não tardou e Brasília era um palco de bandas. Todo mundo tocava, cantava ou participava de qualquer maneira de uma bandinha de rock, mesmo como tiete. A maioria

fernando martins

l no olho do furacão

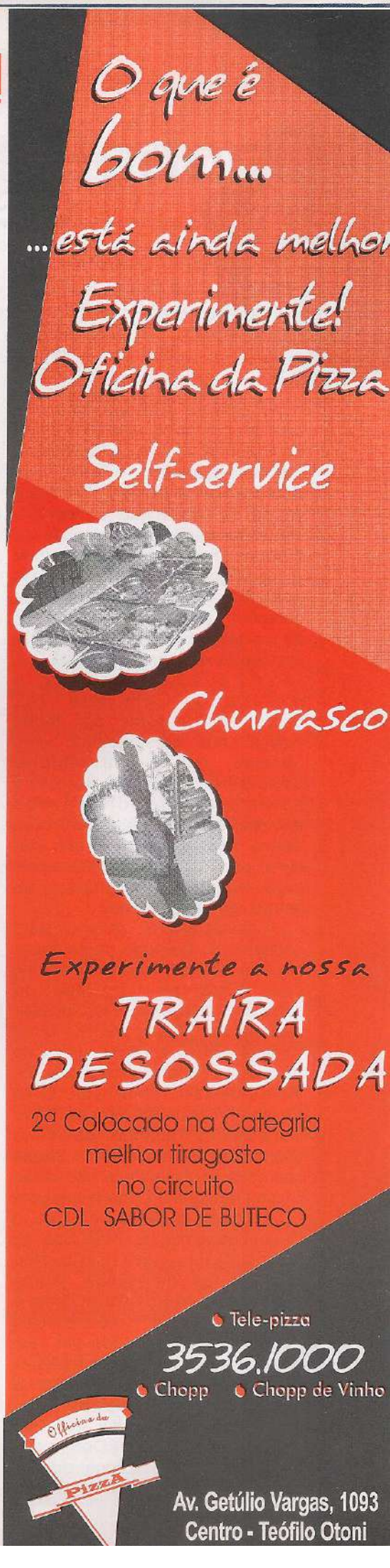
delas eram bandas ridículas. Muitas só se destacavam porque o guitarrista tinha uma Fender, ou o baterista usava pratos importados. Mas tinha muita coisa boa.

Havia uma meca local para essas bandas. O teatro Galpão na Asa Sul, atualmente conhecido como Espaço Cultural Renato Russo, era o palco nobre dos pequenos festivais de rock que ali aconteciam. O pessoal se conhecia e entre litros de vinho barato e muito ócio as bandas surgiam. Simples mas importante era o Teatro Rolla Pedra, espaçó exclusivo para bandas emergentes, além da Concha Acústica, que de tão longe parecia estar em outro planeta. Ainda tinham as Rockonhas: festas regadas à droga que sempre acabavam quando a polícia aparecia. Muita gente era presa, mas raramente alguém permanecia na cadeia.

Foi legal ver um dia a Legião Urbana chegando numa Kombi caindo aos pedaços para dar um show num coreto de uma cidade satélite, e os caras carregando seus próprios instrumentos através da platéia rarefeita. Renato Russo sempre magérrimo, usando uma camiseta Hering rasgada e uma blusa jeans muito suja parecia um mendigo. Cantava "será só imaginação, será que vamos conseguir vencer"... parecia duvidar que em poucos meses estaria no Fantástico. Depois de "Será" ficou difícil chegar perto dos caras. Quem diria que aquele ex-locutor de rádio estatal, que vivia na escola Cultura Inglesa a procura de jornais, como o New Musical Express sobre o Punk inglês, iria se tornar ícone do rock nacional. Muitas vezes pude encontrar componentes do Aborto Elétrico, antes de se dividirem e formar a Legião Urbana e o Capital inicial, tomando cerveja no Beirute, que era um dos bares mais famosos de Brasília, pouco tempo antes da fama meteórica. Também conheci fejão, um músico virtuoso de uma banda chamada Escola de Escândalos, talvez o melhor instrumentista dessa geração do planalto. Uma vez encontrei numa loja de instrumentos um tal de Babu que fora convidado por Renato Russo para tocar contrabaixo na Legião e recusou poucos meses antes da Legião estourar. Muitas vezes saía do cursinho e encontrava Felipe e Ameba da Plebe Rude indo ensaiar. Havia também o Finis Africae que tinha o melhor vocalista e baixista entre as bandas locais, mas infelizmente não decolou. Assim como o Detrito Federal que era filosoficamente correto, até as mudanças de formação que o fizeram perder a essência.

O Paralamas por sua vez, foi a primeira banda do planalto a atingir a fama. No início Hebert Vianna era um guitarrista medíocre e um vocalista desafinado, mas ao longo dos anos evoluiu muito como músico, além de conseguir firmar-se como intérprete, provando que estilo vale mais que uma boa voz no mundo do rock. João Baroni viria a ser o melhor baterista da geração. Ele substituiu Vital, que saiu da banda para andar em sua moto pouco antes dos Paralamas serem do sucesso.

Não sabemos se haverá outro furacão no rock brasil como foram os anos 80. O certo é que canções marcantes estarão sempre na mente dos que viveram essa era, e mesmo os que só ouviram falar dela se mostram influenciados pelo som que até hoje permanece atual, revelando que o rock brasil se mantém vivo apesar dos anos, num gesto efêmero de que não temos mais o tempo que passou, mas temos muito tempo, temos todo tempo do mundo...



EXPONOR , UM SHOW DE DEGUSTAÇÃO

Cortei o cabelo, medi a pressão, comi macarrão, salsicha, tomei chá e participei de uma dúzia de sorteios, ganhei shampoo, condicionador e uma bolsa da Caixa. Foi este o discurso de um lendário solteirão, destes muquiranas que compõem a fauna urbana de Teófilo Otoni. Na Exponor 2005 a galera foi, viu, degustou, interagiu, enfim participou com vontade.

Na verdade o que mais despertou o interesse dos visitantes foi o festival de degustação promovido por algumas marcas da indústria alimentícia. Os stands mas mais procurados, sem dúvida, foram aqueles que brindaram os visitantes com alguma variedade de quitute. Como diz Cimini, o filósofo da Rua das Flores: "tinha de tudo". Pães, roscas, pizza, catuaba, vinho, chá, embutidos, biscoitos e o mais célebre de todos: o spaghetti do Simões. Sucesso absoluto de crítica e público. A big star da festa. Fez mais sucesso que o Crossfox da Orvel. A fila para destruição da massa era interminável e se multiplicava durante o evento.

Na sexta a noite, dois rapazes saíram no braço disputando o lugar na fila. Uma testemunha, que pediu para não ser identificado, relatou que os dois chegaram simultaneamente à fila e discutiram durante todo seu trajeto para decidir quem seria o primeiro a ser servido. Como não se chegou a um acordo amigável, a solução na hora da degustação foi... porrada. Outros, do apetite mais largo, reclamavam quanto ao tamanho dos pratinhos. Misericórdia pai, a galera está confundindo degustação com rodízio. Ouvi uma jovem comentar com outra gatinha: "já comi seis pratinhos, tô zonza, será que tem stand da coca?" Imagine um satand de degustação da coca cola. Seria cenário para uma depravada sinfonia de cavernosos arrotos.

Mas alegria mesmo era a degustação da catuaba, relax total. Os vapores do álcool deixavam a rapaziada mais descontraída para aplicar cantadas, as mais ridículas, em cima das promotoras de vendas. Alguns "degustadores" tomavam três, quatro copinhos do demônio engarrafado sem arredar pé do balcão. Somente quando a turma da fila, impaciente e irada, ameaçava com facadas e palavras indecentes os trincadores sumiam do stand. Obviamente para espichar a fila do macarrão. Houve o caso de uma senhora que, revoltada com o tamanho dos copinhos de catuaba, furou a fila do mate-couro tomou um copo rápido e voltou toda supimpa ao stand da Selvagem com o copão vazio de duzentos e cincoenta ml e ameaçou: "agora eles vão ver o que é degustação".

Lá pelas tantas, outro que muito impressionou foi o fotógrafo Roni Paraíba. Exatamente no momento que ele fazia sua já famosa composição de cenário para a enésima foto de autoridades e empresários, eis que, passa desfilando uma simpática loura-sorriso, levando uma linda bandeja de fatias de presunto enroladas com o maior capricho. Numa fração de segundo nosso bom fotógrafo filou algumas rodelas, degustou, chupou os dedos, depois os dentes, bateu a foto e quase ninguém se apercebeu da façanha. Se na me falha a memória, cena parecida ocorreu ano passado.

A que mais assustou teve como protagonista a bruaca do copão de selvagem que, após "degustar" alguns quilos de spaghetti, resolveu sair à caça de uma sobremesa. Descobriu um balcão de degustação de bolachinhas recheadas, fisgou algumas e para espanto dos presentes abriu-as, raspou com os dentes superiores o recheio e jogou as bolachas secas no chão. Não me contive e exclamei: "dona tenha mais carinho com o meio ambiente". A danada entre dentes rosnou uma palavra de baixo calão. Foi quando seu olhar de leoa faminta filmou outra loura-sorriso vindo rebolando com um suculento pedaço de torta de morango com chantily num pirex de louça azul. A leoa saltou sobre a coitada da loura, furtou a torta que, depois de abocanhada, misturou-se com o batom de $1,99, originando uma meleca arroxeada em volta dos lábios da mocréia, tornando-a mais apavorante ainda. A infeliz da loura se recompôs e disse: são dois reais e cinqüenta centavos. A vítima era garçonete da lanchonete da praça de alimentação. O produto não era pra degustação. Com muito ódio a megera conseguiu sacar um real e trinta centavos da bolsa, regateou, bufou, pagou a contra gosto e ameaçou: "vou prestar queixa para o presidente da associação comercial., onde já se viu praça de alimentação num evento destes?"E assim, entre delícias "degustadas" e muito lixo atirado ao chão chegamos ao final de mais uma feira. Que venham mais feiras, estes eventos são de fundamental importância para modernizar e dinamizar nossa economia. Mas é inconcebível fazê-los em plena Getúlio Vargas, a principal artéria do tráfego de T. Otoni, com ruas construídas para transitar algumas carroças, hoje apinhadas por milhares de automóveis, motos e bicicletas. Que venham mais feiras. Para que nós legítimos botocudos aprendamos a manter a aldeia limpa. Medalha de ouro para a turma da limpeza do pavilhão. Devem estar exaustos até hoje. Nunca se viu tanto lixo jogado no chão num evento de tal grandeza. Êta povo. Até parece com o ano passado.

VENHA CONHECER A NOVA FILIAL INDIANA

AV. LUIZ BOALI, 264 AO LADO DA PREFEITURA DE TEÓFILO OTONI.

ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES

- ATENDIMENTO ESPECIALIZADO, ÉTICO E CONFIÁVEL
- ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA
- MEDICAMENTOS 3 VEZES SEM JUROS
- CONVENIÊNCIA
- LOJA TELEMIG CELULAR
- CONVÊNIOS
- OFERTAS COM PRECINHOS QUE SÓ A INDIANA TEM

INDIANA
PADRÃO MUNDIAL DE QUALIDADE
ISO 9001

TRADIÇÃO DE CONFIABILIDADE E PROFISSIONALISMO GERANDO RENDA, EMPREGO E DESENVOLVIMENTO PARA A NOSSA REGIÃO.

INDIANA
DROGARIA
PERFUMARIA
MANIPULAÇÃO

ASSESSOR C&M

É mais puro e rende mais!
Café
Nucuri
SELO DE PUREZA
ABIC